

Eleições 2018: uma análise discursiva sobre o medo a partir da revista Veja¹

Cristiane FURLAN²

Anderson William Marzinhowsky BENALIA³

Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO:

Neste estudo, analisou-se o discurso do medo durante as eleições para Presidente da República no Brasil a partir de 5 edições da revista *Veja* publicadas no mês de agosto de 2018. A escolha de tal período se deve, pois, a partir do momento que os partidos apresentaram o nome de seus candidatos promoveu-se uma certa tensão política. Dessa maneira, partindo de um contexto de incertezas, procurou-se analisar, dentre outras características, a constituição do medo a partir dos estudos de Foucault sobre o poder que os meios de comunicação exercem nos sujeitos, pois, segundo Bobbio (1998, p. 934) “não existe Poder, se não existe, ao lado do indivíduo ou grupo que o exerce, outro indivíduo ou grupo que é induzido a comportar-se tal como aquele deseja”.

PALAVRAS-CHAVE: medo; eleição; Foucault; discurso; poder.

INTRODUÇÃO

O período eleitoral brasileiro em 2018 foi marcado por diversas tensões, uma vez que alguns partidos apresentavam dificuldade em realizar alianças partidárias; o Partido dos Trabalhadores (PT) não conseguia definir quem seria seu candidato, já que seu representante, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, havia sido preso no último dia de filiação partidária; após anos de redemocratização no país, uma nova direita surgia, liderada por um ex-capitão do exército, Jair Bolsonaro; o tempo de propaganda política gratuita (rádio e TV) havia diminuído; a polarização entre direita e esquerda estava

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

²Mestranda do curso Comunicação e Cultura Midiática da UNIP. E-mail: cristiane_furlan@hotmail.com

³Doutorando do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da UNIP. E-mail: anderson.wbe@hotmail.com

acentuada; muitas pessoas não sabiam se podiam ou não confiar nos conteúdos que eram veiculados nas redes sociais, entre outros aspectos.

Diante de um cenário de incertezas políticas diversas mídias posicionaram-se discursivamente, entre elas destaca-se a revista *Veja*, cuja análise de capas e conteúdo são objeto desta pesquisa. A escolha do gênero revista se acentua, pois segundo Moura: “Folhear uma revista é um hábito que está presente na vida cultural do cidadão brasileiro, há quase 200 anos quando os primeiros jornais começaram a ser publicados no Brasil.” Além disso, de acordo com o autor, a revista em questão:

foi lançada em pleno contexto do Regime Militar (1964-1985), e, logo após seu surgimento, entra em vigor o AI5, que foi causador decerto dos muitos problemas [...] com os órgãos de censura e suas publicações chegaram a ser mutiladas e apreendidas (2011, s/n).

Foucault (2010) considera “interessante” a “relação entre o escritor e o leitor”. Ao citar o uso de Kant em publicar seus artigos em revistas, ele explica:

o público é uma realidade, uma realidade instituída e desenhada pela própria existência de instituições como as sociedades científicas, como as academias, como as revistas, e o que circula nesse âmbito. [...] são essas sociedades, [essas] academias, são essas revistas também que organizam concretamente a relação entre [...] a competência e a leitura na forma livre e universal da circulação do discurso escrito. (p. 9-10).

Ressalta-se que serão analisadas 5 (cinco) edições da revista *Veja*, abordando capa e conteúdo da seção “Brasil / Eleições” ou “Brasil / Política”, além disso, a escolha do mês de publicação se dá, pois de acordo com o calendário eleitoral disponibilizado pelo site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), dia 05 de agosto de 2018 foi o:

Último dia para a realização de convenções destinadas a deliberar sobre coligações e a escolher candidatos a presidente e vice-presidente da República, governador e vice-governador, senador e suplente, deputado federal, deputado estadual ou distrital (Lei nº9.504/1997, art. 8º, caput).

Nesse sentido, a partir de agosto começou oficialmente o período eleitoral para presidente do Brasil e muitos suportes midiáticos, enquanto enunciador, promoveram uma intencionalidade discursiva gerando o fortalecimento de alguns partidos. Para Fiorin (2018):

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. (p. 75)

Para tanto, debruçar-se-á nos estudos de Foucault, levando em consideração o discurso midiático sobre o poder para a construção do discurso do medo.

1. A ELEIÇÃO QUE ASSUSTA

Na edição n. 2593, a revista Veja ressaltava a imagem do presidencial Jair Bolsonaro no centro da capa em um tamanho inferior à sua sombra que era projetada à esquerda, sob o título: “Bolsonaro cresce. E assusta”.

FIGURA 1 – Veja, edição n. 2593, publicada em: 1 ago. 2018



Fonte: Disponível em:

https://abrilveja.files.wordpress.com/2018/07/veja_2593.jpg?quality=70&strip=info. Acesso em 18 jun. 2019.

No plano imagético, nota-se que predomina o fundo vazio e que o gesto com as mãos remete às armas em punho, símbolo que se transformou em *slogan* de sua

campanha, uma vez que um dos planos de governo era a liberação das armas de fogo. Pode-se observar um dos perigos que permeiam o discurso para Foucault, já que a revista, enquanto mídia produz seu discurso de forma controlada, selecionando as imagens e discursos de forma organizada e redistribuindo por diversos tipos de procedimentos seus poderes e perigos, a fim de dominar a maior quantidade possível de leitores, esquivando-se do que foi dito. (2014, p. 8-9).

Percebe-se o procedimento de exclusão, no qual o conceito de interdição proposto por Foucault (2014) entra em evidência: o presidenciável tem o direito privilegiado de reforçar o uso das armas, já que foi ex-militar.

Além disso, a imagem em primeiro plano é menor do que a sombra que lhe é projetada ao fundo, que pode ser confirmada pela reportagem de capa que afirma:

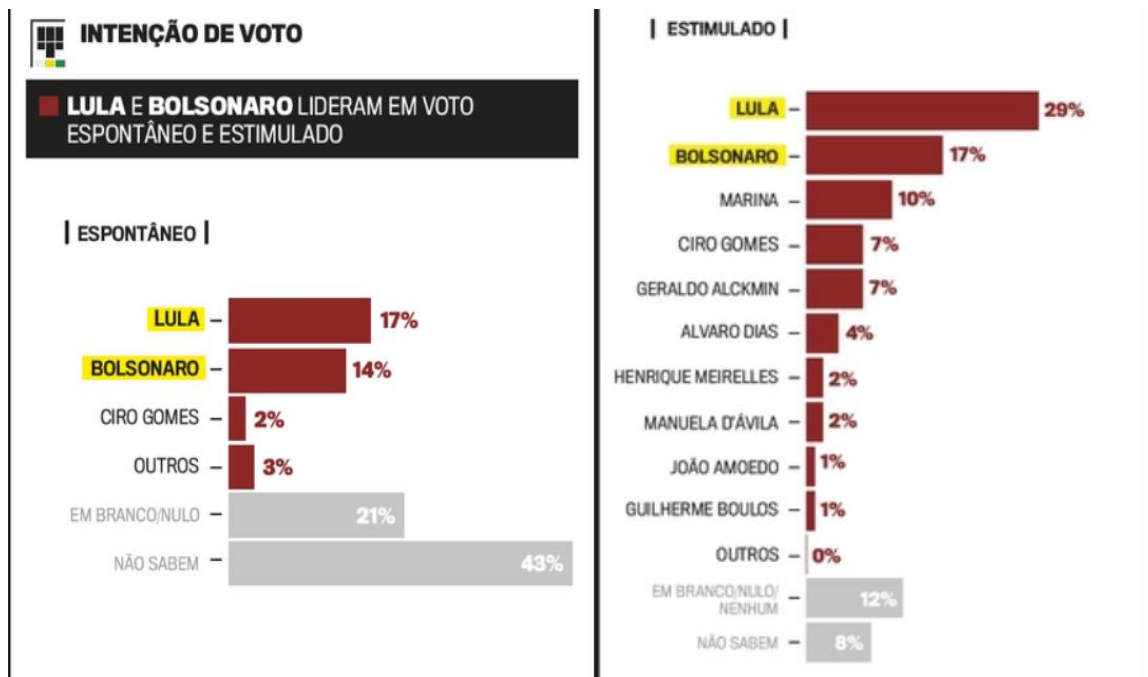
o candidato não tem partido grande, nem alianças fortes, nem dinheiro, nem tempo de TV, mas permanece firme e forte – e ainda apresenta um leve crescimento na intenção de voto espontânea, um indicador que demonstra o bom nível de convicção do seu eleitorado. (VEJA, p. 37, 1 ago. 2018).

Não obstante, a sombra ocupa quase todo o lado esquerdo da capa, que remete ao partido de esquerda PT, cujos votos poderiam ser ameaçados pelo crescimento do partido de direita (PSL).

No plano discursivo, a frase “Bolsonaro cresce. E assusta” é dada por meio de uma “Pesquisa Exclusiva”, encomendada pela revista Veja, por meio da consultoria “Idea Big Data”, que é matéria de capa, cujo título e subtítulo afirmam: “A ameaça é real - Bolsonaro cresce no voto espontâneo, e surge um desafio: como lidar com um candidato que é um retrocesso no social e uma incógnita na economia” (VEJA, p. 36, 01 ago. 2018). Para Foucault “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (2014, p. 25). Nesse sentido, termos como “assusta” e “ameaça” ganham sentido pela possibilidade de produzir “retrocesso no social” e “incógnita na economia”.

Destaca-se que na pesquisa realizada os nomes de Lula e Bolsonaro eram cogitados a vencer o primeiro turno, gerando a polarização entre Direita e Esquerda, tanto pelo voto espontâneo quanto pelo estimulado, conforme gráficos:

FIGURA 2 – Gráfico: intenção de voto



Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-ameaca-e-real/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

E os outros candidatos? Ainda na seção “Brasil / Eleições”, em um artigo intitulado “Decolar que é bom, nada” apresenta-se o candidato Ciro Gomes (PTB) sob o intertítulo “ressaca”, uma vez que afirmava “Após arrancada, a candidatura de Ciro recuou”. Já Alckmin (PSDB) remete-se com o termo “engessado”, visto que “Alckmin ganhou aliados, mas não eleitores”, levando em consideração que era o candidato com maior alianças partidárias, detendo o maior tempo de propaganda política na TV e Rádio, contudo permanecia sem destaque. Enquanto Marina Silva (REDE) era considerada “parada”, ou seja, “Sucesso com as mulheres, mas parada nos 10%” (VEJA, p. 45, 01 ago. 2018)

2. A VOLTA DA DITADURA

Já na seção “Brasil / Política”, publicada na edição n. 2594, o medo é promovido pelo título “Ditadura com eleição”. No qual apresenta uma mão segurando uma cédula eleitoral que contém um rosto indefinido de um eleitor com os olhos expressando medo e sobre a boca uma tarja vermelha que não o permite falar, remetendo ao período ditatorial no Brasil.

FIGURA 3 – Veja, edição n. 2594, publicada em: 8 ago. 2018



Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2594/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Além disso, pode-se supor que o fundo amarelo da capa sugere “Preste Atenção”, “Cuidado” já que o subtítulo correlaciona com outros países que apresentam governos autoritários: “Por meio do voto, autocratas chegaram ao poder na Venezuela, na Rússia, na Polônia, na Hungria, nas Filipinas... E nós? Corremos esse risco?” (VEJA, capa, 08 ago. 2018).

No questionamento acima, pode-se inferir que um enunciador se coloca na posição de primeira pessoa do plural ao utilizar o pronome “nós” e o verbo “corremos”. Foucault (1987), no livro *Arqueologia do Saber*, propõe a formação das modalidades enunciativas, no qual apresenta alguns questionamentos importantes para verificar a constituição de poder que o discurso exerce sobre seus enunciatários, como, por exemplo, “*Quem fala?*” sob o título “A fadiga da democracia”, aparece o nome dos escritores Roberta Paduan e Edoardo Ghioto que responde a primeira questão.

“*Quais os lugares institucionais que os escritores obtêm seu discurso?*” – neste caso, a informação provém de uma autoridade Steven Levitsky – cientista político e professor especialista em América Latina na Universidade Harvard:

Como explica Levitsky, a morte das democracias não se dá mais pelas vidas tradicionais. São raros hoje em dia golpes como os que aviltaram

a América Latina nos anos 1960 e 1970, com tomadas violentas do poder, palácios presidenciais em chamas, Congresso fechado, Constituição rasgada, tanques nas ruas e líderes políticos presos ou exilados. Atualmente, os métodos para enterrar a democracia são outros, sem golpe nem lei marcial. Os governos – eleitos democraticamente – vão aos poucos subvertendo a ordem legal, perseguindo adversários, hostilizando a imprensa, atacando as instituições de controle, entre as quais a Corte Suprema e o alvo preferencial. (p. 39)

Ademais “as posições dos sujeitos” são apresentadas por meio da entrevista, no qual os escritores realizam os questionamentos que ocupa um quadro a parte da matéria, relacionando-se a matéria de capa, uma vez que sugere ao leitor “(*leia a entrevista de Levitsky na pág. 42*)”. Assim, durante entrevista, percebe-se que o cientista político é autor de um livro o que explica as informações apresentadas: Vladmiir Putin (Rússia), Hugo Chávez (Venezuela), Andrzej Duda (Polônia), Viktor Orbán (Hungria), Recep Erdogan (Turquia), Donald Trump (Estados Unidos), entre outros, foram eleitos democraticamente por meio do voto, mas que promoveram correntes autoritárias “disfarçada de indignação democrática”. (VEJA, p. 39-45, 8 ago. 2018)

Sendo assim, termos disfóricos como “morte da democracia”, “volta do fascismo”, “minar a liberdade de imprensa”, “Hitler”, “golpes de bazuca”, “ataque insidioso”, “crise política e econômica”, “países polarizados”, entre outros, configuram o clima de medo proposto nessa edição de Veja, que resgata a “herança maldita” dos anos de ditadura no mundo.

3. CHAPA-FANTASMA

Já na semana seguinte, Veja apresenta na edição n. 2595, novamente com a imagem da urna, contudo, nessa está a figura de Lula, sob o título “As artimanhas de Lula”:

FIGURA 4 – Veja, edição n. 2595, 15 ago. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2595/>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

Nota-se que há uma moldura na capa e as cores do fundo remetem ao velho, ao antigo, desbotado; o que corrobora com o subtítulo “Um almanaque das jogadas do petista para ter sua foto na urna eletrônica no dia da eleição”. O substantivo “almanaque” remete as estratégias antigas, principalmente, porque os almanaques estão em desuso.

Na matéria de capa, a seção “Brasil / Eleições”, apresenta como título e subtítulo da reportagem de capa: “As últimas artimanhas: Lula e sua defesa preparam uma coleção de chicanas jurídicas para levar a ilusão de sua candidatura o mais longe possível – e, no fim, forçar a inclusão de sua foto na urna eletrônica”.

É importante conceituar alguns termos como:

Chicana (do francês *chicane*: objeção capciosa, artifício, sutileza, etc.) tem, na linguagem jurídica, o sentido de: dificuldade criada por malícia, artimanha ou má-fé com o propósito de tumultuar, atrasar ou prejudicar o andamento normal de um processo; expedientes inescrupulosos e condenáveis para empecer a parte adversa no processo, dificultando-lhe a ação; litigância de má-fé.⁴

⁴ KASPARY, Adalberto J. **Habeas verba**: português para juristas. 10. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2J3Aisd>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Além disso, o Almanaque que pode ser entendido como uma coleção de informações dadas por uma revista sobre diversos conteúdos (calendário astrológico, curiosidades, anedotas, entre outros), encontram-se as “artimanhas” citadas pela revista na matéria de capa que elabora “um almanaque dos ardis do petista para chegar lá”, por meio dos seguintes tópicos: “Chapa-fantasma”, “Recuo no STF”, “Candidato fantasma”, “Esgotamento de prazo”, “Usos da data limite”, “Politizar o processo”, “Chicanas no STF” e “Pedidos de liberdade”. (VEJA, p. 54-56, 15 ago. 2018), mostrando quais os caminhos o PT iria utilizar para impedir que a imagem permanecesse na urna eletrônica, pois segundo a revista Veja: “com esse almanaque de movimentos jurídicos, Lula e o PT pretendem fazer o máximo para manter o nome do ex-presidente vivo no imaginário do leitor.” (VEJA, p. 56, 15 ago. 2018). Nesse viés, é instituída a “vontade de verdade” que segundo Foucault (2014, p. 19) é “mascarada pela própria verdade em seu desenrolar necessário”. Haja vista que a revista Veja supõe uma verdade que causaria medo nos eleitores, por não saber se seu voto seria ou não validado:

Líder nas pesquisas, Lula pretende arrastar a decretação definitiva de sua inelegibilidade, com recursos e chicanas jurídicas, para até 17 de setembro. Se esse objetivo for alcançado, a Justiça Eleitoral não terá tempo hábil para tirar sua fotografia da urna eletrônica. Parece um capricho pessoal, mas é uma artimanha eleitoral. Com a foto de Lula na urna, mesmo não sendo candidato, o PT acredita que conseguirá captar os votos dos incautos, dos menos informados e também daquele eleitorado apaixonado pela figura do ex-presidente que não hesitaria em confirmar o voto ao ser confrontado com a imagem dele, mas sem saber se estaria elegendo um fantasma.[...] (p. 54).

Para Foucault (2014):

[...] na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la. (p. 19)

Logo, a verdade é mascarada pela vontade da verdade instituída pelas estratégias de poder que procura punir o ex-presidente Lula em um discurso no qual apresenta a ministra Rosa Weber para integrar o colegiado que iria julgar o pedido de registro de Lula, já que ela deve “*garantir a normalidade* das eleições de outubro”. Outros que compõe o colegiado são: “Luís Roberto Barroso, integrante de um grupo no Supremo apelidado de ‘*câmara de gás*’ e considerado linha dura em temas criminais, e Edson

Fachin, *o relator dos processos da Lava-Jato na corte*” o que promoveria a diminuição da capacidade de enfrentar as ordens do poder por parte do ex-presidente, reafirmados pelo discurso da revista: “Os prognósticos não são favoráveis ao petista” (VEJA, p. 57, g.n.)

Há diferentes formas de poder e Foucault, em seus estudos sobre o biopoder, apresenta o controle exercido pelas prisões como uma forma disciplinar e regulamentadora.

Portanto, baseando-se nas afirmações de Graziano Sobrinho a partir de suas pesquisas:

[...] o direito (aqui entendido em sentido amplo, como as normas, instituições, regulamentos, etc.) se constituiu como um importante mecanismo de dominação – realizada através dos múltiplos e microscópicos poderes – e técnica de sujeição, o que possibilitará, em função da íntima relação estabelecida entre discurso da verdade, direito e poder, controlar tanto a ordem disciplinar do corpo quanto a regulamentação de uma população. (FOUCAULT, 2002a, p. 180-181, *apud* 2007, p. 180)

É o apoio da população ao poder político que pode dar às instituições condições de instrumentalizar e controlar ações políticas de interesse coletivo em detrimento da utilização da violência, vez que esta ao ser altamente dimensionada (através da tecnologia) corrompe as relações de poder gerando, em consequência, novas formas de violência. (ARENDR, 1994, p. 63, *apud* 2007, p. 39).

Diante desse cenário evidencia-se o medo, por meio do mecanismo de dominação política e social, que reduz os direitos de Lula e sua liberdade enquanto indivíduo.

4. O DESCONHECIDO “PROGRESSO”

Na edição n. 2596 a capa da revista Veja apresenta uma nova personalidade política sob o título “Ele pode ser presidente do Brasil”, levando em consideração que o pronome “Ele” remete a uma terceira pessoa, temos a ligação entre Jair Bolsonaro e o economista Paulo Guedes, que provoca o leitor a imaginar um cenário no qual aquele venceria as eleições, mas que seria comandado por uma outra pessoa que ainda poucos conheciam, por isso o subtítulo “Quem é e o que pensa o economista Paulo Guedes, que faz a cabeça de Bolsonaro”:

FIGURA 5 – Veja, edição n. 2596, 22 ago. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2596/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Cumprir observar que na matéria de capa Bolsonaro é conceituado como “ordem”, enquanto Guedes como “progresso”. Isso se dá, pois na matéria de capa intitulada “A cabeça de Bolsonaro” apresenta uma entrevista com Guedes, na qual ao ser questionado “O senhor tem todo um governo na cabeça. Bolsonaro, não. Se o senhor sai do governo, acaba o governo de Bolsonaro?” e Paulo Guedes responde “Não acho. [...] 99% de quem vota em Bolsonaro não está nem aí para mim. Querem ordem”. Em outro momento da entrevista, também afirma:

Eu acredito num cenário de um sujeito chegando para acabar com a velha política, que foi condenada à morte pela Lava-Jato. Esse sujeito representa a *ordem*. Então, eu não vou negar a dar a ele o *progresso* das ideias liberais para ajudar esse governo a acontecer. Estou com ele 100%. (VEJA, p. 38, 22 ago. 2018, g.n.)

Nesse sentido, as razões para o medo surgem uma vez que o eleitor votaria em alguém, mas que seria governado por outra pessoa, haja vista que em diversas entrevistas midiáticas Bolsonaro ao ser questionado sobre a forma como conduziria a economia do

país, afirmou que teria a pessoa certa para resolver os problemas, uma vez que o presidenciável não dominava o assunto.

5. E TUDO COLABORA PARA O CAOS

Ao estudar os conceitos de poder instituídos por Foucault, Graziano Sobrinho ressalta:

O medo invade, por não se saber medo de que, o imaginário do indivíduo de forma tão voraz que não se percebe, verdadeiramente, suas profundas razões. Este sentimento de insegurança e de medo é que justifica ao Estado tomar medidas simbólicas cada vez mais autoritárias, fortalecendo o imaginário da ordem, causando uma diminuição dos espaços sociais, o isolamento gradativo e voluntário das vítimas (qualquer um pode ser vítima, ou seja, medo de tudo e de todos – nisso reside a impossibilidade de ver o outro e, mais especificamente, como um inimigo que devemos excluir ou, na maioria das vezes, destruir), exacerbando o individualismo, característicos da sociedade contemporânea. (2007, p. 168).

Diante de tal afirmação, tem-se a última edição analisada neste estudo, que demonstra como as tensões na área política estavam culminando para o caos, uma vez que o eleitor era conduzido a imaginar diversas razões para sentir medo de votar.

Por meio da obra de Munch, “O grito”, a sensação de pavor é instituída em um país que diante das primeiras pesquisas eleitorais realizadas pelos institutos Ibope e Datafolha e, posteriormente, divulgados na matéria de capa da revista Veja, seção “Brasil / Eleições”, edição n. 2597, “apontaram o crescimento ininterrupto de um candidato preso, o fortalecimento de um radical de direita e a inércia perene dos concorrentes situados mais ao centro do leque ideológico”. Nesse sentido, os termos: “candidato preso” remete a Lula; “radical de direita” a Bolsonaro; e “concorrentes” refere-se aos demais representantes dos partidos políticos.

No entanto, a maior ênfase no termo “concorrentes” predominava sobre o nome de Alckmin, visto que os outros eram pouco destacados, conforme intertítulo na capa: “O mercado se assusta com a paralisia de Alckmin nas pesquisas”. Já outros dois intertítulos asseguram “Os democratas se assustam com a liderança de Bolsonaro” e “Os que acreditam na lei se assustam com a força de Lula mesmo preso”, reunidos no seguinte título “A eleição do pavor”, conforme capa:

FIGURA 6 – Veja, edição n. 2597, 29 ago. 2018.



Fonte: Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2597/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

Observa-se que há similitude entre a capa acima e a obra “O grito” (1894), entretanto, a revista inverte a imagem do rosto do personagem de Munch para a imagem do Brasil em vermelho que remete à angústia produzida por todo o cenário político que está a sua volta de forma distorcida, já que na matéria de capa assegura sob o título “O susto é geral”, reafirmado pelo subtítulo “as pesquisas, que mostram a liderança consolidada de Lula e Bolsonaro, assustam quase todos os segmentos do eleitorado [...]”.

Para Graziano Sobrinho:

O discurso do medo – importante e eficiente tecnologia de controle e de indução de práticas individuais e coletivas – serve para controlar as pessoas e, a partir de então, torna-se possível o acesso à vida das pessoas. São as pessoas que fazem parte desse poder (mesmo que não saibam). Seria melhor dizer: é a politização do poder da vida, ou ainda, politização do poder de controlar a vida. (2007, p. 160).

Nesse sentido, ao promover o medo de uma eleição que caminhava para uma polarização entre direita e esquerda, os eleitores sentiam-se perdidos, já que não havia certeza se Lula seria candidato; se o chamado “poste de Lula”, referindo-se à Haddad seria seu sucessor na campanha. Destaca-se que a revista retoma o tema das “artimanhas de Lula” ao afirmar:

O objetivo final dos petistas é conseguir arrastar o julgamento até 17 de setembro, data fatídica a partir da qual não haveria mais tempo para retirar a fotografia do ex-presidente da urna eletrônica. Nesse caso, muitos brasileiros apertariam o botão pensando que estão votando em Lula, quando na verdade estariam escolhendo Haddad. É mais um detalhe estapafúrdio da eleição presidencial mais confusa, incerta e assustadora desde a redemocratização do país. (VEJA, p. 47).

Outro aspecto importante ressaltado nesta edição foi uma das estratégias de Bolsonaro, em não participar dos debates eleitorais “O fortalecimento de Bolsonaro derruba a tese de que ele derreteria assim que a campanha começasse. Mas ele acaba de dar um sinal de fraqueza: desistiu de comparecer aos debates”. Isso se deve, pois segundo Veja: “Depois de, no debate da Rede TV!, levar uma invertida de Marina Silva, que o acusou de querer resolver tudo “no grito”, Bolsonaro decidiu não participar mais de debates” o que explica a obra de Munch na capa da revista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que cada edição analisada nesse estudo promoveria um artigo específico. No entanto, procurou-se demonstrar como foi o percurso do discurso do medo, a partir do poder midiático, levando-se em consideração elementos que promoveram o clima de tensão durante o período eleitoral em 2018, definido na última edição analisada como “eleição presidencial mais confusa, incerta e assustadora desde a redemocratização do país”.

Sendo assim, os estudos de Foucault sobre a constituição do poder foram essenciais para a construção desse trabalho que teve como proposta verificar o discurso do medo presente nas capas e reportagens de capa, levando em consideração discurso a partir do tempo, história e espaço em que foram produzidos.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Calendário eleitoral – eleições. Tribunal Superior Eleitoral. Publicado em: 23 ago. 2018. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/eleicoes/calendario-eleitoral>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GRAZIANO SOBRINHO, Sérgio Francisco Carlos. **Globalização e sociedade de controle**: a cultura do medo e o mercado da violência. 2007. 267f. Dissertação (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp077304.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MOURA, Ranielle Leal. **História das revistas brasileiras**: informação e entretenimento. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro. Guarapuava, 28-30 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20das%20Revistas%20brasileiras%202013%20informacao%20e%20entretenimento.pdf/view>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

ROCHA, Décio. Perspectiva foucaultiana. In: BRAIT, Beth (Org). **Texto ou discurso?** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VEJA. São Paulo: Editora Abril, n.2593, 01 ago. 2018.

_____. São Paulo: Editora Abril, n. 2594, 08 ago. 2018.

_____. São Paulo: Editora Abril, n. 2595, 15 ago. 2018.

_____. São Paulo: Editora Abril, n. 2596, 22 ago. 2018.

_____. São Paulo: Editora Abril, n. 2597, 29 ago. 2018.